

**ENUNCIANDO-SE NO INTERIOR DE UMA ESCRITA: RESENHA DE
INTRODUÇÃO À TEORIA ENUNCIATIVA DE BENVENISTE, DE
VALDIR DO NASCIMENTO FLORES**

**UTTERING WITHIN A WRITING: REVIEW OF *INTRODUÇÃO À
TEORIA ENUNCIATIVA DE BENVENISTE*, BY VALDIR DO
NASCIMENTO FLORES**

Giovane Fernandes Oliveira¹

giovane.oliveira@ufrgs.br

O advento dos estudos enunciativos, na linguística brasileira, foi mediado por disciplinas outras dos estudos da linguagem que não uma que se pudesse chamar especificamente Enunciação. Assim, o campo enunciativo surgiu, no Brasil, na esteira de correntes teóricas como a Análise do Discurso, a Linguística Textual e a Semiótica, em que permaneceu até meados da década de 2000, quando o cenário linguístico nacional viu emergirem as primeiras tentativas de sistematização desse campo no país.

Valdir do Nascimento Flores (UFRGS) e Marlene Teixeira (UNISINOS) foram pioneiros nessa empreitada, com as publicações de *Introdução à Linguística da Enunciação* (Editora Contexto, 2005) e *Dicionário de Linguística da Enunciação* (Editora Contexto, 2009), este último em coautoria com Leci Borges Barbisan (PUCRS) e Maria José Bocorny Finatto (UFRGS). Essas duas obras, cada uma à sua maneira, tornaram-se referências para todos aqueles interessados em enunciação e cooperaram para a consolidação desse domínio do saber na comunidade científica brasileira.

Em *Introdução à Linguística da Enunciação*, Flores e Teixeira defendem a existência de uma *linguística da enunciação* (no singular) constituída de *teorias da enunciação* (no plural). Para os autores, por mais diversas que sejam as teorias ditas enunciativas, há traços comuns a todas que autorizam a situá-las em um mesmo campo do conhecimento. Dado o caráter introdutório do livro, as perspectivas teóricas são comparadas mais a partir daquilo que as aproxima, permitindo que se fale numa linguística da enunciação, do que a partir daquilo que as singulariza. Para tanto, recebem um capítulo no livro cada um dos autores considerados por Flores e Teixeira os mais representativos do estudo enunciativo da

¹ Graduando em Licenciatura em Letras – Português/Francês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

linguagem, a saber: Charles Bally, Roman Jakobson, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Oswald Ducrot e Jacqueline Authier-Revuz.

Em *Dicionário de Linguística da Enunciação*, os autores atribuem a necessidade de uma obra lexicográfica dessa natureza à precisão conceitual de que carece todo campo teórico para se constituir como tal e evitar confusões terminológicas. O desenvolvimento do *Dicionário* contou com a colaboração de mais de quarenta pesquisadores de diversas universidades brasileiras, liderados pelos quatro organizadores da obra, e seus verbetes abrangem um número de teorias em muito superior ao abrangido pela *Introdução*, publicada quatro anos antes. São, ao total, quatorze linguistas da enunciação contemplados nos pormenores definicionais de seus construtos teóricos.

Ambos, tanto a *Introdução à Linguística da Enunciação* quanto o *Dicionário de Linguística da Enunciação*, tornaram-se obras de referência do campo enunciativo, no Brasil, e contribuíram para a sua autonomia na ciência linguística do país. No entanto, embora sejam obras que se destinem a um público-alvo iniciante nos estudos da enunciação e, portanto, se proponham a didatizar os complexos pensamentos dos autores filiados a essa área dos estudos da linguagem, a *Introdução* e o *Dicionário* passam longe de abordar superficialmente as teorias enunciativas, assinalando sempre a heterogeneidade constitutiva desse campo do saber.

É com este mesmo espírito de tentar facilitar o acesso a uma teoria sem, contudo, minimizar sua complexidade que Valdir do Nascimento Flores, em mais uma iniciativa precursora, apresenta à comunidade acadêmica nacional o livro *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste* (Parábola Editorial, 2013).

A obra está organizada em seis capítulos. No primeiro, Flores lista algumas dificuldades de leitura da teoria da enunciação de Émile Benveniste. No segundo, situa o pensamento do linguista no quadro epistemológico da linguística saussuriana. No terceiro, no quarto e no quinto capítulos, estuda a teoria enunciativa de Benveniste propriamente dita, a partir de uma divisão em três grandes momentos temáticos. No sexto e último capítulo, o autor apresenta o estado da arte da obra benvenistiana, discutindo a atualidade das ideias do teórico à luz de recentes publicações de manuscritos seus. Ao fim de cada capítulo, com exceção do primeiro e do último devido ao cunho introdutório/conclusivo que os distingue dos demais, Flores acrescenta uma lista de temas para debate, relacionados à reflexão produzida no respectivo capítulo, além de um glossário com os termos teóricos empregados neste.

No capítulo 1, **Itinerário de leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste**, Flores esboça um roteiro de leitura que acredita poder auxiliar um leitor iniciante de Benveniste. Dentre outras questões, o autor aponta: a) a *amplitude da obra do linguista*, que se não reduz à temática da enunciação; b) a *incompletude da teoria enunciativa benvenistiana*, que não é um modelo acabado ou em construção, uma vez que Benveniste não se propôs a formular propriamente uma teoria da enunciação; c) a *flutuação terminológica da teoria enunciativa de Benveniste*, que exige do leitor atenção às relações homonímicas (termos idênticos em expressão e distintos em significado), sinonímicas (termos com expressões diferentes, mas com o mesmo significado) e polissêmicas (um mesmo termo com dois ou mais significados), que se estabelecem entre os textos do teórico; e d) o *a priori unificador da teoria*, que repousa sobre o axioma “o homem está na língua”. O autor diz ainda ser possível ler a teoria da enunciação de Benveniste a partir de três momentos temáticos, não necessariamente coincidentes em termos cronológicos e que se caracterizam por conjuntos de textos assentados em conceitos-chave: 1º) o momento da distinção pessoa/não pessoa, que teria ocupado o linguista sobretudo nas décadas de 40 e 50; 2º) o momento da distinção semiótico/semântico, restrito à década de 60; e 3º) o momento da concepção do aparelho formal da enunciação, representado pelo texto homônimo publicado em 1970 e que condensaria mais de trinta anos de estudos enunciativos.

No capítulo 2, **Fundamentos saussurianos do pensamento benvenistiano**, Flores propõe-se a investigar algumas marcas da presença de Ferdinand de Saussure na reflexão enunciativa de Émile Benveniste e procede a essa investigação orientando-se por três eixos analíticos. O primeiro eixo compreende a *natureza do signo linguístico*, em relação à qual Benveniste se distinguiria de Saussure principalmente por discordar de seu famoso princípio da arbitrariedade: enquanto, para este, o vínculo entre significante (imagem acústica) e significado (conceito) seria *arbitrário*, porque não motivado por relações lógicas, para aquele, tal vínculo não seria arbitrário, mas *necessário*, porque esses dois elementos constitutivos do signo linguístico (o significante e o significado) seriam necessariamente ligados um ao outro. O segundo eixo discutido por Flores está relacionado à *tarefa do linguista*, sobre a qual Benveniste concordaria com o mestre de Genebra, ainda que defendendo um *deslocamento do objeto* – a partir da inclusão da linguagem em sua totalidade, sem um corte como o operado por Saussure entre língua e fala – e uma *ampliação dos dados elementares* – a partir da inserção do problema da significação e, através deste, do da enunciação dentre os problemas de base a serem investigados pelo linguista. O terceiro eixo analisado por Flores se sustenta sobre o *sistema linguístico*, noção saussuriana da qual seria tributária a noção benvenistianiana

de “aparelho formal da enunciação”, pois a constituição do aparelho se daria a partir da apropriação do sistema, unindo, assim, a repetibilidade deste à singularidade daquele. A *ultrapassagem de Saussure por Benveniste* constitui a discussão final do segundo capítulo. De acordo com Flores, Benveniste vai além de Saussure, na medida em que alcança o mundo da frase (discurso), com a proposição do *modo semântico de ser língua*, mas só o faz incluindo o mundo do signo, o mundo de Saussure, relacionado ao *modo semiótico de ser língua*.

No capítulo 3, **O primeiro momento: pessoa e não pessoa**, Flores volta-se para a questão da subjetividade na linguagem, em cuja discussão afirma ter lugar de destaque a distinção pessoa/não pessoa. O autor examina esse primeiro momento da teoria a partir de seis artigos de Benveniste. Do primeiro artigo, *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), Flores destaca as duas correlações propostas por Benveniste: a correlação de personalidade, que opõe as pessoas *eu* e *tu* à não pessoa *ele*, e a correlação de subjetividade, que opõe a pessoa subjetiva *eu* à pessoa não subjetiva *tu*. Do segundo artigo, *A natureza dos pronomes* (1956), Flores ressalta: a) a observação sobre haver pronomes pertencentes à sintaxe da língua e pronomes pertencentes à enunciação; b) a propriedade referencial de cada uma dessas classes pronominais de referir, respectivamente, ou uma noção sempre constante ou uma realidade sempre inédita; e c) a *dêixis* como característica familiar aos pronomes pessoais e outros signos (outros pronomes, advérbios, locuções adverbiais etc.) e também como contemporânea da instância de discurso em que é produzida. Do terceiro artigo, *Da subjetividade na linguagem* (1958), Flores observa o estudo da categoria de pessoa enquanto fundamento linguístico da subjetividade não restrito aos pronomes pessoais. Do quarto artigo, *As relações de tempo no verbo francês* (1959), Flores enfatiza a proposição benvenistiana de dois sistemas verbo-temporais: o da *enunciação de discurso*, definido pela relação pessoa/não pessoa, e o da *enunciação histórica*, definido pela ausência de pessoa. Do quinto artigo, *A linguagem e a experiência humana* (1965), Flores sinaliza a universalidade das categorias de pessoa e tempo, que atualizariam a experiência subjetiva na linguagem por meio do sistema de referências pessoais e da instanciação do presente temporal, que é sempre o presente daquele que fala, numa instância de discurso que jamais se repete. Do sexto e último artigo, *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), Flores sublinha a tese benvenistiana de que a língua é o interpretante da sociedade, sendo um dos pontos de identificação dessa interpretância da língua o fato de que o falante inclui a si mesmo no seu discurso, situando-se em relação à sociedade por meio das formas de pessoa e não pessoa.

No capítulo 4, **O segundo momento: semiótico e semântico**, Flores avalia a questão da dupla significância da língua (os modos semiótico e semântico de significar) a partir de

três textos de Benveniste. O primeiro texto é *Os níveis da análise linguística* (1962/1964), do qual Flores destaca as duas definições de “sentido” e as duas definições de “frase” apresentadas pelo linguista: “sentido” como a) capacidade de um elemento linguístico de nível inferior integrar um nível superior e b) possibilidade de resposta à pergunta “qual é esse sentido?”; e “frase” como a) nível superior da análise linguística e b) sinônimo de discurso – as definições em (a) seriam de caráter formal; as definições em (b), de caráter enunciativo. O segundo texto é *A forma e o sentido na linguagem* (1966/1967), que Flores discute analisando a forma e o sentido inicialmente no modo semiótico – no qual a forma corresponderia ao *significante* e o sentido, ao *significado* – e, em seguida, no modo semântico – no qual a forma corresponderia ao *sintagma* e o sentido, à ideia expressa pela *frase*. O terceiro e último texto é *Semiologia da língua* (1969), do qual Flores retoma a tese de Benveniste segundo a qual seria a língua o único sistema semiológico capaz de interpretar a todos os demais e também a si próprio, característica que se deveria ao fato de ela: a) se manifestar na enunciação e conter referência a uma dada situação; b) consistir em um sistema de signos; c) ser comum aos membros de uma comunidade; e d) ser a única atualização da comunicação intersubjetiva, além de ser também o único sistema semiológico a ter dupla significância (modo semiótico e modo semântico), significando tanto pelos signos quanto pela enunciação, enquanto os outros sistemas teriam significância unidimensional, ou somente semiótica (como os gestos de cortesia) ou somente semântica (como as expressões artísticas).

No capítulo 5, **O terceiro momento: o aparelho formal da enunciação**, Flores discorre sobre o texto *O aparelho formal da enunciação* (1970), que, por retomar as discussões anteriores de Benveniste (pessoa/não pessoa, forma/sentido, semiótico/semântico), o autor afirma tratar-se de uma síntese de mais de três décadas de reflexões enunciativas. Flores analisa o texto a partir de quatro pontos. O primeiro ponto vincula-se à definição de enunciação como *colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização*, que mereceria destaque na medida em que Benveniste poucas vezes teria sido tão explícito na elaboração de um conceito. Em relação a essa definição, Flores chama a atenção também para o fato de não ser a enunciação um nível da análise linguística – como, por exemplo, a sintaxe –, mas *um mecanismo total e constante que afeta a língua inteira*, sendo transversal a todos os níveis e podendo focalizá-los separados e/ou em inter-relação, sempre do prisma do sentido. O segundo ponto refere-se aos três *aspectos da enunciação* citados por Benveniste no texto: a realização vocal da língua, a semantização da língua e o quadro formal de realização da enunciação. O terceiro ponto diz respeito à *diferença entre o aparelho formal da língua e o aparelho formal da enunciação*: a primeira observação feita por Flores relativa a essa

diferença concerne ao fato de Benveniste não empregar a expressão “aparelho formal da enunciação” ao longo do texto, exceto no título, encontrando-se apenas a ocorrência próxima “aparelho linguístico da enunciação” - isso leva o autor a formular a tese de que o locutor não se apropria do aparelho formal da enunciação, mas o constrói a cada enunciação, a partir do aparelho formal da língua; a segunda observação feita por Flores refere-se aos instrumentos de realização da enunciação, mais especificamente aos procedimentos acessórios, que o autor acredita não se limitarem aos citados como exemplos por Benveniste no texto, pois o raciocínio do teórico autorizaria a pensar que seriam muitos os mecanismos linguísticos que poderiam operar como procedimentos da enunciação. O quarto e último ponto do texto comentado por Flores vincula-se ao *quadro figurativo da enunciação*, que acentuaria a relação discursiva entre locutor e alocutário ao configurar-se na estrutura do diálogo, em que duas figuras seriam alternativamente protagonistas da enunciação.

No capítulo 6, **Atualidade em torno do trabalho de Émile Benveniste**, Flores apresenta brevemente duas publicações póstumas recentes do linguista sírio: *Baudelaire* (Editora Lambert-Lucas, 2011) e *Dernières leçons: Collège de France 1968-1969* (Editoras Seuil e Gallimard, 2012). Na apresentação da primeira, o autor põe em relevo a distinção entre linguagem ordinária e linguagem poética, problematizada por Benveniste à luz da poesia de Charles Baudelaire. Na descrição da segunda, Flores coloca em evidência as relações entre semiologia, língua e escrita, sobre as quais se fundam as últimas aulas de Benveniste no Collège de France.

Flores conclui o último capítulo do livro reiterando sua preocupação em não reduzir o pensamento benvenistiano sobre a linguagem à teoria da enunciação. Para o autor, a teoria da linguagem de Benveniste incluiria não só os estudos enunciativos, mas também todos os demais desenvolvidos pelo linguista, dos trabalhos de linguística comparativa e geral às reflexões sobre literatura e cultura. Tal constatação leva Flores a fazer coro a outros consagrados leitores de Benveniste, como Henri Meschonnic e Gérard Dessons, defendendo a existência de uma tríade epistemológica que fundaria uma dupla antropologia e se revelaria em todas as análises da linguagem empreendidas pelo teórico: a tríade homem, linguagem e cultura. Essa antropologia da linguagem implicaria uma antropologia da enunciação, haja vista que a condição do homem como ser falante seria uma função essencial desse homem, função esta objeto dessas duas antropologias mutuamente implicadas. Desse viés antropológico da teoria da linguagem de Benveniste, Flores acredita que se descortinará um horizonte para os estudos da linguagem, o que justifica sua crença sobre ser esse o tema benvenistiano que merece maior aprofundamento na atualidade.

Em linhas gerais, *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste* é uma obra que supera as melhores expectativas de um leitor iniciante nas ideias benvenistianas. A preocupação do autor com o seu interlocutor é perceptível tanto na organização do livro como um todo quanto na organização interna de cada capítulo. Os dois primeiros capítulos, ao anteciparem dificuldades de leitura da teoria da enunciação de Benveniste (capítulo 1) e apontarem os seus fundamentos saussurianos (capítulo 2), fornecem ao leitor subsídios para compreender as discussões aprofundadas nos capítulos seguintes (capítulos 3, 4, 5 e 6). Além disso, merecem nota também os apêndices ao fim de cada capítulo, contendo sugestões de temas para pesquisa e um glossário de termos utilizados, que sintetizam a reflexão produzida até então para que outras se iniciem na sequência.

É desnecessário dizer que os seis capítulos que compõem essa obra, a despeito de sua organização e de seu detalhamento, não substituem a leitura dos textos originais, isto é, não dispensam o contato direto com os escritos de Émile Benveniste circunscritos aos *Problemas de Linguística Geral I e II* (sobretudo aos artigos pertencentes às seções *A comunicação* e *O homem na língua*, que integram o corpus textual de pesquisa de Flores): eles, pelo contrário, pressupõem tal leitura.

Digo isso porque, na condição de recém iniciado na linguística da enunciação, em geral, e na teoria enunciativa benvenistiana, em particular, percebi que essa obra, apesar de introdutória, assim como *Introdução à Linguística da Enunciação*, difere-se sobremaneira desta por aprofundar a teoria de um único linguista: as quinze páginas lá reservadas a Benveniste expandem-se cá em duzentas. Assim, por mais didático que seja o autor ao deslindar a intrincada rede conceitual que recobre a teoria da enunciação de Benveniste, a leitura prévia dos textos deste se faz necessária para uma compreensão mais acurada das análises levadas a efeito por Flores.

Não se pode, por fim, deixar de acentuar a clareza de um texto em que cada palavra parece ter sido escolhida a dedo, a transparência de uma escrita ao mesmo tempo erudita e eloquente, simples e sofisticada. Para falar na língua de Benveniste, Valdir Flores se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, faz os outros se enunciarem: constituímos-nos sujeitos lendo-o e acompanhando-o navegar por águas ainda pouco conhecidas no Brasil, com a ousadia de desbravador característica dos estudiosos que se tornam autoridades em seu campo de saber. Fica o convite ao leitor para também se enunciar no interior desta escrita.

Referências

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**, 2. Ed., São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M.; BARBISAN, L. B.; FINATTO, M. J. B. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.